

Luiz Fantin

É especialista em marketing e hotelaria

/// O trabalho que é feito não exclui a possibilidade de aprendermos com as experiências de outros países, procurando sempre adaptar ideias e ações

Inspiração britânica

Existe em nosso Estado um crescente número de investimentos e busca por inovar e ampliar a divulgação de nossas potencialidades para que o turismo seja um dos vetores da retomada da economia. Temos razões para acreditar, pois caminhamos dentro de um cenário onde o bom diálogo entre os governos municipal, estadual e federal, além do apoio da iniciativa privada, estão construindo importantes alicerces que vão garantir anos de crescimento, não apenas para o turismo, mas para toda a economia capixaba.

Entretanto, o trabalho que é feito não exclui a possibilidade de aprendermos com as experiências de outros países, procurando sempre adaptar ideias e ações que, por lá, são sucesso e que podem trazer bons resultados para o Brasil.

Pudemos acompanhar uma iniciativa exemplar do governo britânico, que após as Olimpíadas lançou uma consulta popular com o objetivo de construir um plano que produza um



crescimento de 3% ao ano para o turismo, até 2020. A expectativa é de que sejam gerados 8,7 bilhões de libras e criados mais de 200.000 empregos. A proposta estratégica mostra como um alinhamento de marketing com a política do governo traz resultados econômicos. Esta consulta reúne a visão da indústria, hotéis e múltiplos setores do governo - aqueles que mais se dedicam ao sucesso do setor - buscando identificar as prioridades e parcerias em potencial.

A estratégia leva em conta quatro elementos: fortalecer a imagem da Grã-Bretanha, além de reconhecer suas fraquezas, como gastronomia e hospitalidade; garantir a presença do destino turístico nas prateleiras das agências internacionais; aproveitar a diversidade de produtos e garantir a satisfação dos mercados emergentes, quebrando barreiras da capacidade do transporte aéreo e simplificando os regimes de concessão de vistos. Ou seja, o governo britânico entende que o destino tem que continuar sendo visto para ser lembrado, regra básica de marketing. Das lições que podemos aproveitar de Londres, essa talvez seja a de maior importância e a mais difícil, pois exige alto grau de planejamento e pragmatismo comercial.

Roberto Garcia Simões

É professor da Ufes e especialista em políticas públicas
E-mail: roberto.simoes@ufes.br

/// O desenrolar da crise será marcado, a cada dia, por lances políticos e decisões institucionais que pesarão na sua rota e no tempo de desfecho

Rota da agonia

Daqui a 15 dias, em 6 de junho, começará no TSE o julgamento da ação menos demorada para tirar o presidente Temer; as duas outras são o processo penal no STF e o impeachment.

Uma quarta, a eleição direta já, é improvável. O cálculo de que favorece Lula, ou Marina, reforça a sua desaprovção no Congresso.

O desenrolar da crise será marcado, a cada dia, por lances políticos e decisões institucionais que pesarão na sua rota e no tempo de desfecho.

Antes da delação que “cortou na carne”, previa-se que o julgamento no TSE do “financiamento ilegal” da campanha Dilma-Temer em 2014 seria favorável ao vice.

Por que 6 de junho? No dia anterior, encerra-se o mandato da ministra Luciana Lóssio. Assim, Temer já teria indicado os dois ministros (da advocacia) entre os sete daquela corte eleitoral.

Agora, a previsão do julgamento político no TSE, presidido pelo ministro Mendes, está incerta. Pretendia-se eliminar a última pendência que gerava leve instabilidade sobre governo Temer - na medida em que o relator encaminharia pela cassação

da chapa. Seria um “ponto fora da curva” negociada.

Houve uma reversão, no entanto, na semana passada. Diante da aguda instabilidade, a cassação da chapa no TSE poderia ser a saída menos arrastada e “traumática”. Até então, previa-se uma decisão em 4 sessões. Pode, ou deve ser alongada, dependendo do andar das múltiplas pressões.

Tomada a decisão no TSE, caberia recurso ao STF. Sendo mantida, Temer seria removido definitivamente. Assumiria, o presidente da Câmara, Rodrigo Maia, sogro do ministro Moreira Franco, ambos investigados - e seria feita uma eleição, ao que tudo indica, indireta, no Congresso. E, aí, surge, quem teria credenciais para navegar até 2018?

Tanto a ação penal no STF, quanto o impeachment dependem do Congresso, seja na autorização, seja na decisão, respectivamente. O pedido de impeachment decidido pela OAB repõe uma pressão sobre o presidente Rodrigo Maia para decidir pela abertura ou não.

A rota e o ritmo da crise dependerão de como se dará a combinação entre o tamanho da desagregação da base política, que instituiu um governo “semiparlamentar” e a atuação dos (divididos) movimentos sociais. A resultante influencia as escolhas e as decisões para a saída da crise terminal do governo Temer - não se sabe se antes de 2018.

Maria C. Barbosa Roseiro, Sharla Bitencourt e Susana Gotardo

São psicólogas e conselheiras do Conselho Regional de Psicologia do Espírito Santo (CRP-ES)

/// Movimentos de trabalhadores pela saúde constituem luta perpétua e seus focos mudaram no decorrer da história

Precarização dos empregos adocece trabalhadores

Neste mês em que comemoramos o Dia dos Trabalhadores (1º de Maio) é importante que seja feita uma reflexão sobre os temas Saúde no Trabalho e Saúde do Trabalhador. Os movimentos dos trabalhadores pela saúde constituem uma luta perpétua e os seus focos mudaram no decorrer da história.

A partir da 1ª Guerra Mundial, com o fortalecimento das bases operárias, a organização das categorias conquistou o direito de viver. A luta, então, passou a ser por

condições de trabalho que não danificassem a saúde do corpo. Houve conquistas como a diminuição da jornada de trabalho, higienização das fábricas, controle dos ruídos e gases tóxicos, entre outros.

Os aspectos listados, porém, são limitados quando a questão é o sofrimento psíquico do trabalhador. A luta pela “saúde mental” está em oposição à ideia do conceito de saúde como ausência de doença. Essa noção é equivocada, uma vez que não existe

fato que seja normal ou patológico em si.

O trabalho afeta todos os aspectos do bem-estar (físico, psicológico e social) e se estende para muito além do lugar de trabalho. É um fator de construção da identidade, autoestima, realização pessoal e qualidade dos relacionamentos. Enfim, implica profundamente na qualidade de vida, em todas as suas dimensões. É importante ressaltar que em 28 de abril foi celebrado o Dia Nacional em Memória das Vítimas de Acidentes e Doenças do Trabalho, data que trata diretamente da questão.

As reflexões propostas aqui também remetem a um tema conhecido entre os setores de Recursos Humanos e a Medicina do Trabalho. Trata-se do Absenteísmo, que é a ausência do trabalhador em seu posto de trabalho por doença ou outros motivos.

Entretanto, há ainda uma análise de outro fator que se coloca como um desafio: o Presenteísmo, que é um comportamento implícito dos trabalhadores que se sentem ameaçados, inseguros ou em risco de perderem seus empregos. Nesses casos, há a tendência de permanecer no trabalho, ainda que doente, para marcar presença e demonstrar compromisso. Na verdade, o trabalhador nessas condições transmite uma falsa impressão de ser produtivo.

As reformas da Previdência e trabalhistas, que estão tramitando no Congresso, acentuarão ainda mais essas facetas negativas aqui apresentadas e agravarão as já debilitadas condições de saúde de uma grande parte dos trabalhadores brasileiros, ampliando a quantidade de pessoas adoecidas pelo próprio trabalho.